

O TOURO BRANCO



VOLTAIRE

Ridendo Castigat Mores

O Touro Branco (1774)
Voltaire (1694-1778)

Edição
Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Fonte Digital
www.jahr.org

“Todas as obras são de acesso gratuito. Estudei sempre por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos; tenho a obrigação de retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou.”
Nelson Jahr Garcia (1947-2002)

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Copyleft
Ridendo Castigat Mores

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 6

Nélson Jahr Garcia

BIOGRAFIA DO AUTOR — 10

CAPÍTULO PRIMEIRO — 13

De como a princesa Amaside encontra um boi

CAPÍTULO SEGUNDO — 18

De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó reconheceu uma velha, e como foi por ela reconhecido.

CAPÍTULO TERCEIRO — 24

De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente.

CAPÍTULO QUARTO — 33

De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa.

CAPÍTULO QUINTO — 39

De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu.

CAPÍTULO SEXTO — 48

De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço.

CAPÍTULO SÉTIMO — 53

Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser

sacrificados.

CAPÍTULO OITAVO — 56

De como a serpente contou histórias à princesa, para a consolar.

CAPÍTULO NONO — 58

De como a serpente não a consolou.

CAPÍTULO DÉCIMO — 64

De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e de como lho não cortaram.

CAPÍTULO UNDÉCIMO — 68

De como a princesa desposou o seu boi.

NOTAS — 73

O TOURO BRANCO

*Traduzido do siríaco pelo senhor Mamaki,
intérprete do Rei da Inglaterra para as línguas
orientais*



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Não se conhece muito bem a intenção de Voltaire ao escrever “O Touro Branco”. Há hipóteses: plausíveis, lógicas, mas hipóteses. Uma delas sugere que tenha se inspirado em lendas orientais a respeito da metamorfose animal.

A mais provável, já que Voltaire sempre se interessou por religiões e mitos, é de que ele teria coletado, dentre os mitos religiosos orientais, aqueles em que os homens entrassem em contato com aos animais, mesclando-os com outros. Reuniu, assim, numa comédia animal, a serpente do paraíso, o asno de Balaão, a baleia de Jonas com as divindades do Egito, igualmente relacionadas a animais, especialmente o touro-rei.

Mas é o mesmo e inconfundível Voltaire, com seu conhecimento da alma humana, a filosofia profunda e a ironia impecável. Não é tão irreverente como em outras obras, mas parece não ter resisitido a sê-lo em algumas oportunidades:

A serpente do paraíso, contestando a sua condenação, retruca:

“Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil. Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.”

A observação sobre os usuais equívocos da corte lembram, ligeiramente, nossa Capital Federal:

“Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o contrário: ele estava enfeitado; mas na corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.”

Sobre as fábulas, essas historietas que nos são tão queridas de infância, Voltaire, pela voz de Amaside, decreta:

“Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses, por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o Entendimento Humano do filósofo egípcio chamado Locke e a Matrona de Éfeso. Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, ai sim, que me desgostam horivelmente.”

Ironia sobre divindades, não faltou, é sugestiva:

“Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsinoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Apis, tão poderoso quanto Isis, Osiris e Hórus juntos.

No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.”

E o que me parece genial: a princesa Amaside fora proibida pelo pai de pronunciar o nome de seu amado, sob pena de decapitação. Ela tentou dizer: Na... e foi advertida pelo sábio Mambrés do risco que começava a correr. Com mais ousadia pronunciou Nabu..., logo depois Nabuco... e, finalmente, Nabucodonosor. Nesse momento alcançou a liberdade, enfrentou o pai e casou-se com o seu amado: “o grande rei que não era mais boi!”. É para se meditar.

BIOGRAFIA DO AUTOR



FRANÇOIS-MARIE AROUET, filho de um notário do Châtelet, nasceu em Paris, em 21 de novembro de 1694. Depois de um curso brilhante num colégio de jesuítas, pretendendo dedicar-se à magistratura, pôs-se ao serviço de um procurador. Mais tarde, patrocinado pela sociedade do Templo e em particular por Chaulieu e pelo marquês de la Fare, publicou seus primeiros versos. Em 1717, acusado de ser o autor de um panfleto político, foi preso e encarcerado na Bastilha, de onde saiu seis meses depois, com a Henriade quase terminada e com o esboço do OEdipe. Foi por essa ocasião que ele resolveu adotar o nome de Voltaire. Sua tragédia OEdipe foi representada em 1719 com grande êxito; nos anos seguintes, vieram: Artemise (1720), Marianne (1725) e o Indiscret (1725).

Em 1726, em conseqüência de um incidente com o cavaleiro de Rohan, foi novamente recolhido à Bastilha, de onde só pode sair sob a condição de deixar a França. Foi então para a Inglaterra e aí se dedicou ao estudo da língua e da literatura inglesas. Três anos mais tarde, regressou e publicou Brutus (1730), Eriphyle (1732), Zaïre (1732), La Mort de César (1733) e Adélaïde Duguesclin (1734). Datam da mesma época suas Lettres Philosophiques ou Lettres Anglaises, que provocaram grande escândalo e obrigaram a refugiar-se em Lorena, no castelo de Madame du Châtelet, em cuja companhia viveu até 1749. Aí se entregou ao estudo das ciências e escreveu os Eléments de le Philosophie de Newton (1738), além de Alzire, L'Enfant Prodigue, Mahomet, Mérope, Discours sur l'Homme, etc.

Em 1749, após a morte de Madame du Châtelet, voltou a Paris, já então cheio de glória e conhecido em toda a Europa, e foi para Berlim, onde já estivera alguns anos antes como diplomata. Frederico II conferiu-lhe honras excepcionais e deu-lhe uma pensão de 20.000 francos, crescendo-lhe assim a fortuna já considerável. Essa amizade, porém, não durou muito: as intrigas e os ciúmes em torno dos escritos de Voltaire obrigaram-no a deixar Berlim em 1753.

Sem poder fixar-se em parte alguma, esteve sucessivamente em Estrasburgo, Colmar, Lyon, Genebra, Nantua; em 1758, adquiriu o domínio de Ferney, na província de Gex e aí passou, então, a residir em companhia de sua sobrinha Madame Denis. Foi durante os vinte anos que assim viveu, cheio de glória e de amigos, que redigiu *Candide*, *Histoire de la Russie sous Pierre le Grand*, *Histoire du Parlement de Paris*, etc., sem contar numerosas peças teatrais.

Em 1778, em sua viagem a Paris, foi entusiasmamente recebido. Morreu no dia 30 de março desse mesmo ano, aos 84 anos de idade.

CAPÍTULO PRIMEIRO

De como a princesa Amaside encontra um boi.

A jovem princesa Amaside, filha de Amásis, rei de Tânis, no Egito, passeava pela estrada de Pelusa com as damas do seu séquito. Estava mergulhada em profunda tristeza; as lágrimas corriam de seus belos olhos. Sabe-se qual o motivo do seu sofrimento e como temia ela desagradar ao rei seu pai com esse mesmo sofrimento. Achava-se em sua companhia o velho Mambrés, antigo mago e eunuco dos faraós, e que não a deixava quase nunca. Vira-a nascer, educara-a, ensinara-lhe tudo o que a uma bela princesa é permitido saber das ciências do Egito. O espírito de Amaside igualava-se à sua bondade; ela era tão sensível, tão terna como encantadora; e era essa sensibilidade que lhe custava tantas lágrimas.

A princesa tinha vinte e quatro anos de idade; o mago Mambrés tinha cerca de mil e trezentos anos. Fora ele, como é sabido, quem sustentara com o grande Moisés aquela famosa disputa na qual a vitória esteve por longo tempo pendente entre os dois profundos filósofos. Se Mambrés sucumbiu, foi unicamente devido à visível intervenção das potências celestes, que

favoreceram o seu rival; só mesmo deuses, para vencer Mambrés.

Amásis o nomeara superintendente da casa de sua filha, e ele se desincumbia dessas funções com a sua ordinária sabedoria. A bela Amaside enternecia-o com seus suspiros.

— O meu amor! meu jovem e querido amor! — exclamava ela às vezes, — tu, o maior dos vencedores, o mais perfeito, o mais belo dos homens! como! há mais de sete anos que desapareceste da face da terra! Que deus te arrebatou à tua terna Amaside? Não estás morto, assim o dizem os sábios profetas do Egito; mas para mim estás morto, acho-me sozinha na terra, ela é deserta. Por que estranho prodígio abandonaste o teu trono e a tua amada? o teu trono! era o primeiro do mundo, e é pouco; mas eu, que te adoro, ó meu querido Na...

— Tremei de pronunciar esse nome fatal — disse-lhe o sábio Mambrés, antigo eunuco e mago dos faraós. — Seríeis talvez traída por alguma das vossas damas. Elas vos são todas fiéis, e todas as belas damas timbram em servir as nobres paixões das belas princesas; mas, enfim, pode-se encontrar uma indiscreta entre elas, e até mesmo uma pérfida. Bem sabeis que o rei vosso pai, que aliás vos ama, jurou mandar cortar-vos o pescoço, se pronunciásseis esse nome terrível,

continuamente prestes a vos escapar dos lábios. Chorai, mas calai-vos. Essa lei é dura, mas não fostes educada na sabedoria egípcia para que não soubésseis dominar a língua. Considerai que Harpócrates, um dos nossos maiores deuses, tem sempre um dedo sobre o lábio.

A bela Amaside chorou e não falou mais.

Como se dirigisse em silêncio para as margens do Nilo, avistou de longe, junto a um bosque banhado pelo rio, uma velha coberta de farrapos, sentada sobre um cômodo. Tinha junto a si uma jumenta, um cão e um bode. A frente dela estava uma serpente que não era como as serpentes ordinárias, pois seus olhos eram tão ternos como animados; sua fisionomia era tão nobre como atraente; sua pele brilhava com as mais vivas e agradáveis cores. Um enorme peixe, mergulhado a meio no rio, não era a menos admirável pessoa da companhia. Havia sobre um ramo um corvo e uma pomba. Todas essas criaturas pareciam empenhadas em animada conversação.

— Ai! — suspirou baixinho a princesa, — toda essa gente fala decerto de seus amores, e a mim não me é permitido pronunciar o nome daquele a quem amo!

A velha segurava uma leve corrente de aço, de umas cem braças de comprimento, à qual se

achava atado um touro que pastava no campo. Esse touro era branco, bem torneado, elegante de linhas, leve até, o que é bastante raro. Seus cornos eram de marfim. Era o que de mais belo já se vira na sua espécie. O de Pasifaé, e aquele cuja figura tomou Júpiter para raptar Europa, não se aproximavam sequer do soberbo animal. Apenas a encantadora novilha em que fora transformada Isis seria, quando muito, digna dele.

Mal viu a princesa, correu para ela com a rapidez de um cavalo árabe que franqueia as vastas planícies e os rios do antigo Saara para se aproximar da brilhante égua que reina no seu coração e que o faz erguer as orelhas. A velha fazia esforços por detê-lo, a serpente parecia querer espantá-lo com seus silvos; o cão o seguia, mordendo-lhe as belas pernas; a jumenta atravessava-se-lhe no caminho e dava-lhe coices para o fazer voltar. O grande peixe remontava o Nilo, e, lançando-se fora d'água, ameaçava devorá-lo; o corvo adejava em torno da cabeça do touro, como se quisesse vazar-lhe os olhos. Só a pomba o acompanhava por curiosidade e aplaudia-o com um suave murmúrio.

Tão extraordinário espetáculo remergulhou Mambrés em profundas cogitações. O touro branco, arrastando a corrente e a velha, já havia no entanto alcançado a princesa, que era toda espanto e medo. Ei-lo que se lança aos pés de

Amaside, beija-os, derrama lágrimas, contempla com um olhar onde se lia uma inaudita mistura de dor e alegria. Não ousava mugir, por medo de assustá-la. Ele não podia falar. Era-lhe vedado esse modesto uso da voz concedido pelo Céu a alguns animais; mas todas as suas ações eram eloqüentes. A princesa se agradou muito dele. Sentiu que uma pequena diversão poderia surpreender por alguns momentos as mais dolorosas penas.

— Eis aqui — dizia ela — um amável animal; desejaria tê-lo no meu estábulo.

A estas palavras, o touro dobrou os quatro joelhos.

— Ele me compreende! — exclamou a princesa. — Diz-me, à sua maneira, que quer pertencer-me. Ah! divino mago, divino eunuco! dá-me essa consolação, compra esse belo querubim⁽¹⁾; propõe um preço à velha, à qual decerto ele pertence. Quero que este animal seja meu; não me recuses esse inocente consolo.

Todas as damas do palácio juntaram suas instâncias aos rogos da princesa. Mambrés deixou-se comover, e foi falar com a velha.

CAPÍTULO SEGUNDO

De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do Faraó reconheceu uma velha, como foi por ela reconhecido.

— Senhora — disse-lhe ele, — bem sabeis que as moças, e principalmente as princesas, têm necessidade de divertir-se.

A filha do rei está louca pelo vosso touro; vendei-nos, por favor, esse animal, que sereis paga em dinheiro à vista.

— Senhor — respondeu a velha, — esse precioso animal não me pertence. Estou encarregada, eu e todos os animais que vistes, de observar todos os seus passas e dar conta de tudo. Deus me livre de pensar algum dia em vender esse animal sem preço!

Ouvindo isto, sentiu-se Mambrés tocado de alguns raios de confusa luz, que ainda não distinguia nitidamente. Observou a velha com mais atenção.

— Respeitável dama — disse ele, — ou muito me engano, ou já vos vi outrora.

— Pois eu bem me lembro, senhor, que já vos encontrei há setecentos anos, em uma viagem

que fiz da Síria ao Egito, alguns meses após a destruição de Tróia, quando Hiram reinava em Tiro, e Nephel-Kerés no antigo Egito.

— Ah! senhora — exclamou o velho, — sois a augusta pitonisa de Endor.

— E vós, senhor — disse a pitonisa, abraçando-o, — sois o grande Mambrés do Egito.

— Ó imprevisto encontro! ó memorável dia! ó decretos eternos! — exclamou Mambrés. — Não é, por certo, sem ordem expressa da providência universal que nós nos encontramos neste Prado à margem do Nilo, perto da soberba cidade de Tânis. Com que então sois mesmo vós, senhora, tão famosa às margens do Jordão, vós, a mais hábil pessoa do mundo para evocar as sombras !

— E sois vós, senhor, tão famoso por mudardes os bastões em serpentes, o dia em trevas, e os rios em sangue!

— Sim, minha senhora; mas a minha avançada idade enfraquece parte de minhas luzes e de meus poderes. Ignoro de onde vos vem esse belo touro branco, e que animais são esses que vos auxiliam a vigiá-lo.

A velha recolheu-se um momento, ergueu os olhos ao céu, depois respondeu nos seguintes termos:

— Meu caro Mambrés, somos do mesmo ofício, mas é-me expressamente proibido dizer-vos que touro é esse. Posso satisfazer-vos no tocante aos outros animais. Vós os reconhecereis facilmente pelos sinais que os caracterizam. A serpente é aquela que persuadiu Eva a comer uma maçã, e a fazer que o marido a comesse. A jumenta é a que falou num caminho a Balaão, contemporâneo vosso. O peixe que conserva sempre a cabeça fora d'água é aquele que engoliu Jonas há alguns anos. Esse cão é aquele que seguiu o anjo Rafael e o, jovem Tobias durante a viagem que fizeram a Ragés, na Média, no tempo do grande Salmanasar. Esse bode é aquele que expia todos os pecados de uma nação. Esse corvo e essa pomba são os que estavam na arca de Noé: grande acontecimento, catástrofe universal, que quase toda a terra ainda ignora. Estais, pois, informado. — Mas, quanto ao touro, nada sabereis.

Mambrés escutava com respeito. Depois disse:

— O Eterno revela o que quer, e a quem quer, ilustre pitonisa. Todos esses animais, encarregados convosco da guarda do touro branco, só são conhecidos na vossa generosa e aprazível nação, a qual, por sua vez, é desconhecida de quase todo o mundo. As maravilhas que vós e os vossos, e eu e os meus

operamos, serão um dia objeto de dúvida e escândalo entre os falsos sábios. Felizmente encontrarão crédito entre os verdadeiros sábios, que se submeterão aos videntes, numa pequena parte do mundo, e é o que basta.

Enquanto pronunciava estas últimas palavras, a princesa puxou-lhe a manga, indagando:

— Mambrés, e o meu touro? Será que não vais comprá-lo?

O mago, mergulhado em profunda cisma, nada respondeu, e Amaside pôs-se a chorar.

Dirigiu-se então à pitonisa, dizendo-lhe:

— Minha boa velha, conjuro-te por tudo o que tens de mais caro no mundo, por teu pai, por tua mãe, por tua ama, que sem dúvida ainda vivem, que me vendas não só o teu touro, mas também a tua pomba, que lhe parece tão afeiçoada. Quanto aos teus outros animais, não os quero; mas sou bem capaz de adoecer de vapores, se não me venderes esse encantador touro branco, que constituirá toda a doçura da minha vida.

A velha beijou-lhe respeitosamente a fimbria do vestido de gaze e disse-lhe:

— Princesa, o meu touro não está à venda, e o vosso ilustre mago já o sabe. O mais que eu posso fazer por vós é levá-lo a pastar todos os dias nas proximidades de vosso palácio; podereis acariciá-lo, dar-lhe biscoitos, fazê-lo dançar à vontade. Mas é preciso que ele esteja continuamente sob as vistas de todos os animais que me acompanham e que estão encarregados da sua guarda. Se não procurar escapar-se, não lhe farão mal algum; mas ai dele! se tentar romper de novo a corrente, como fez logo que vos avistou. Não responderei então por sua vida. Esse grande peixe que vedes infalivelmente o engoliria, guardando-o por mais de três dias na barriga; ou então essa serpente, que vos pareceu talvez tão branda e amável, poderia dar-lhe uma picada mortal.

O touro branco, que entendia às maravilhas tudo quanto dizia a velha, mas que não podia falar, aceitou todas as suas propostas, com um ar submisso. Deitou-se a seus pés, mugiu docemente; e, contemplando Amaside com ternura, parecia dizer-lhe:

— Vinde ver-me algumas vezes no prado. A serpente tomou então a palavra, e disse-lhe:

— Princesa, aconselho-vos a seguides cegamente tudo quanto vos diz a senhorita de Endor.

A jumenta também deu sua opinião, que era a mesma da serpente. Amaside afligiu-se com o fato de que aquela serpente e aquela jumenta falassem tão bem, e que um belo touro, que tinha tão nobres e ternos sentimentos, não pudesse exprimi-los.

— Ah! nada é tão comum na Corte — dizia ela baixinho. — Todos os dias se vêem ali belos senhores que não sabem conversar e feiarrões que falam com segurança.

— Essa serpente não é pouca coisa — disse Mambrés. — Não vos enganeis. É talvez a pessoa de maior consideração. Caía o crepúsculo; a princesa viu-se obrigada a voltar para casa, mas prometeu que retornaria no dia seguinte ao mesmo local. As damas do palácio estavam maravilhadas e nada compreendiam do que tinham visto e ouvido. Mambrés fazia as suas reflexões. A princesa, considerando que a serpente havia chamado a velha de senhorita, concluiu ao acaso que esta era virgem, e sentiu alguma aflição de ainda o ser: aflição respeitável, que ela ocultava com tanto escrúpulo quanto o nome de seu bem-amado.

CAPÍTULO TERCEIRO

De como a bela Amaside teve uma entrevista secreta com uma bela serpente.

A bela princesa recomendou segredo às suas damas, sobre o que haviam presenciado. Todas elas o prometeram e, com efeito, guardaram-no um dia inteiro. Pode-se crer que Amaside pouco dormiu naquela noite. Um encantamento inexplicável lhe trazia a todo instante a imagem de seu belo touro. Logo que se viu a sós com o seu sábio Mambrés, disse-lhe ela.

— Ó sábio! esse animal me vira a cabeça.

— E ocupa bastante a minha — disse Mambrés. — Vejo claramente que esse querubim está muito acima da sua espécie. Há aqui um grande mistério, mas temo um acontecimento funesto. O vosso pai Amásis é violento e desconfiado; toda essa história exige que vos porteis com a maior prudência.

— Ah! — suspirou a princesa, — sinto-me por demais curiosa para ser prudente; é esta a única paixão que pode unir-se, em meu peito, àquela que me devora pelo bem-amado que perdi. Não poderei então saber o que é esse touro branco que provoca em mim tamanha perturbação?!

— Senhora — respondeu Mambrés, — já vos confessei que minha ciência declina à medida que minha idade avança; mas, ou me engano muito, ou a serpente está a par do que tanto desejais saber. Tem espírito, exprime-se com discrição, e há muito que está acostumada a meter-se nos negócios das damas.

— Ah! sem dúvida — disse Amaside — é essa bela serpente do Egito, que, com a cauda metida na boca, é o símbolo da eternidade, e que alumia o mundo quando abre os olhos e o obscurece quando os fecha.

— Não, minha senhora.

— É então a serpente de Esculápio?

— Ainda menos.

— É então Júpiter sob a forma de serpente?

— Qual!

— Ah! já sei: é aquele teu bastão que outrora transformaste em serpente.

— Garanto-lhe que não, senhora; mas todas essas serpentes são da mesma família. Esta de que falamos tem grande reputação no seu país, onde passa pela mais hábil serpente que jamais se viu. Ide falar com ela. Advirto-vos, contudo, de que é um passo muito perigoso. Eu, se estivesse

em vosso lugar, deixaria o touro, a jumenta, a cobra, o peixe, o cão, o bode, o corvo e a pomba. Mas a paixão vos arrebatou; o mais que posso é apiedar-me e tremer.

A princesa conjurou-o a conseguir-lhe uma entrevista com a serpente. Mambrés, que era bom, consentiu, e, sempre a refletir profundamente, foi procurar a sua pitonisa. E tão insinuantemente lhe expôs o capricho da sua princesa, que afinal a persuadiu.

Disse-lhe então a velha que Amaside era a senhora e dona; que a serpente sabia muito bem como haver-se nesta vida; que costumava ser muito amável com as damas; que não queria outra coisa senão lhes prestar favores, e que não faltaria à entrevista.

O velho mago voltou à princesa com essa boa notícia; mas temia ainda alguma desgraça, e continuava com as suas ponderações.

— Quereis falar com a serpente, senhora; será quando aprouver à Vossa Alteza. Lembrai-vos, no entanto, que é preciso saber lisonjeá-la; pois todo animal é cheio de amor próprio, e sobretudo a serpente. Dizem que ela foi outrora expulsa de um belo lugar por causa de seu excessivo orgulho.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Acredito-o.

Contou-lhe então o velho todos os rumores que haviam corrido acerca daquela famosa serpente.

— Mas, seja como for, Alteza, não lhe podereis arrancar o segredo senão lisonjeando-a. Ela passa, num país vizinho, por haver pregado uma terrível peça às mulheres; é justo que, por sua vez, uma mulher a seduza.

— Farei o possível — disse a princesa.

Partiu pois com as suas damas palacianas e o bom mago eunuco. A velha fazia o touro pastar bastante longe. Mambrés deixou Amaside em liberdade e foi conversar com a sua pitonisa. A dama de honra pôs-se a conversar com a jumenta; as damas de companhia entretiveram-se com o bode, o cão, o corvo e a pomba; quanto ao grande peixe, que metia medo a todo o mundo, mergulhou no Nilo por ordem da velha.

A serpente foi em seguida ao encontro da bela Amaside, no bosque; e mantiveram ambas a seguinte conversação:

A Serpente: — Não imaginais, Senhora, o quanto me lisonjeia a honra que Vossa Alteza se digna conceder-me.

A Princesa: — A vossa grande reputação, a inteligência de vossa fisionomia e o brilho de vossos olhos logo me decidiram a solicitar esta entrevista. Sei, pela voz pública (se ela não é enganadora que fostes uma grande personagem no céu empíreo.

A Serpente: — É verdade, Senhora, que eu ocupava lá uma posição assaz distinta. Dizem que sou um favorito desgraçado: é um rumor que correu a princípio na Índia⁽²⁾. Os brâmanes foram os primeiros que apresentaram uma longa história das minhas aventuras. Não duvido que os poetas do Norte façam um dia com esse material um poema épico assaz estranho; pois, na verdade, é só o que se pode fazer. Não estou, porém, tão decaído que ainda não desfrute neste globo um considerável domínio. Quase me atreveria a dizer que toda a terra me pertence.

A Princesa: — Acredito-o, pois dizem que tendes o talento da persuasão; e agradar, é reinar.

A Serpente: — Sinto, Senhora, enquanto vos vejo e vos escuto, que tendes sobre mim esse império que me atribuem sobre tantas outras almas.

A Princesa: — Sabeis vencer amavelmente. Dizem que subjugastes muitas damas, e que

começastes por nossa mãe comum, cujo nome esqueci.

A Serpente: — Nada disso: dei-lhe o melhor conselho do mundo. Ela honrava-me com a sua confiança. Eu era de parecer que ela e seu marido deviam provar do fruto da árvore da ciência. Acreditava agradar assim ao senhor das coisas. Uma árvore tão necessária ao gênero humano não me parecia plantada para ficar inútil. Desejaria o Senhor ser servido por ignorantes e idiotas? Não é feito o espírito para esclarecer-se e aperfeiçoar-se? Não se deve conhecer o bem e o mal para praticar o primeiro e evitar o segundo? Por certo só me deviam agradecimentos.

A Princesa: — Dizem no entanto que vos saístes mal. Parece que é desde essa época que tantos ministros foram punidos por terem dado bons conselhos, e tantos verdadeiros sábios e grandes gênios foram perseguidos por terem escrito coisas úteis ao gênero humano.

A Serpente: — Decerto foram inimigos meus que vos contaram essas histórias. Andam a assoalhar que estou mal na Corte. Mas uma prova de que ainda tenho grande crédito por lá é que eles próprios confessam que eu entrei no conselho quando se tratou de pôr Job à prova; e que também fui chamado quando se tomou a resolução de enganar a certo reisote por nome

Achab⁽³⁾ ; fui eu o único encarregado dessa nobre missão.

A Princesa: — Ah! Não creio que vosso espírito seja afeiçoado aos enganos. Mas, já que continuais no ministério, posso fazer-vos um pedido? Espero que uma autoridade tão amável não me há. de repelir...

A Serpente: — Senhora, os vossos pedidos são leis. Que ordenais?

A Princesa: — Conjuro-vos a dizer-me o que vem a ser esse belo touro branco que me inspira sentimentos incompreensíveis que me enternecem e amedrontam. Disseram-me que teríeis a condescendência de esclarecer-me.

A Serpente: — Senhora, a curiosidade é necessária à natureza humana, e principalmente a vosso amável sexo; sem ela, ficar-se-ia vegetando na mais vergonhosa ignorância. Sempre satisfiz, o mais que pude, a curiosidade das damas Acusam-me de não ter tido essa complacência senão para fazer birra ao senhor das coisas. Juro que o meu único objetivo é ser-vos agradável; mas a velha já vos deve ter avisado de que há algum perigo para vós na revelação desse segredo.

A Princesa: — Ah! é isso que me torna ainda mais curiosa.

A Serpente: — Reconheço nessa atitude todas as belas damas a quem prestei serviço.

A Princesa: — Se tendes sensibilidade, se todos os seres se devem mútuo auxílio, se sentis compaixão por uma desgraçada, não me recuseis esse favor.

A Serpente: Vós me partis o coração; tenho de satisfazer-vos; mas nada de interrupções.

A Princesa: — Prometo-o.

A Serpente: — Havia um jovem rei, belo que nem uma pintura, apaixonado, amado...

A Princesa: — Um jovem rei! belo que nem uma pintura ,apaixonado, amado! e por quem? de quem? e quem era esse rei? e que idade tinha? que foi feito dele? onde está ele? onde é o seu reino? qual é o seu nome?

A Serpente: — Pois não é que já me interrompeis, quando mal começo a falar?! Cuidado: se não tiverdes mais poder sobre vós mesma, estais perdida.

A Princesa: — Oh! perdão. Não mais serei indiscreta; continuai, por favor.

A Serpente: — Esse grande rei, o mais amável e o mais corajoso dos homens, vitorioso por toda parte aonde houvesse levado as suas armas,

costumava sonhar seguidamente. E, quando esquecia os sonhos, queria que os magos se lembrassem deles, e lhe contassem direitinho tudo o que havia sonhado, sem o que, mandava-os enforcar a todos, pois nada era mais justo. Ora, há cerca de sete anos, teve ele um belo sonho, de que perdeu memória ao despertar; e depois que um jovem judeu, cheio de experiência, lhe explicou o sonho, esse amável rei foi de súbito transformado em boi⁽⁴⁾: pois...

A Princesa: — Ah! é o meu querido Nabu...

Não pôde terminar: caiu desfalecida. Mambrés, que escutava de longe, viu-a tombar, e julgou-a morta.

CAPÍTULO QUARTO

De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa.

Mambrés corre a ela, chorando. A serpente comove-se; não pode chorar, mas silva num tom lúgubre; e grita: “Ela está morta!” A jumenta repete: “Ela está morta!” O corvo o rediz; todos os outros animais parecem transidos de dor, exceto o peixe de Jonas, que sempre foi impiedoso. A dama de honra, as damas do palácio aproximam-se e arrancam os cabelos. O touro branco, que pastava ao longe e ouve os seus clamores, corre para o bosque, arrastando a velha e soltando mugidos cujos ecos reboam. Em vão todas as damas derramavam sobre Amaside expirante os seus frascos de água de rosas, de cravo, de mirto, de benjoim, de bálsamo de Meca, de canela, de amônio, de noz-moscada, de âmbar cinzento. A princesa não dava nenhum sinal de vida. Quando, porém, sentiu o belo touro branco a seu lado, voltou a si mais fresca, mais bela, mais animada do que nunca. Deu mil beijos naquele animal encantador, que inclinava languidamente a bela cabeça sobre o seu seio de alabastro. Ela o chama: “Meu senhor, meu rei, meu coração, minha vida”. Envolve com seus braços de marfim aquele pescoço mais branco do que a neve. Menos

fortemente se liga a leve palha ao âmbar, a vinha ao olmo, a hera ao carvalho. Ouvia-se o suave murmúrio de seus suspiros; viam-se-lhe os olhos ora fulgurantes de amorosa flama, ora empanados com essas preciosas lágrimas que o amor faz derramar.

Imagine-se em que surpresa não estariam mergulhadas a dama de honra e as damas de companhia! Logo que chegaram no palácio, contaram toda essa estranha aventura a seus respectivos namorados, e cada uma com circunstâncias diferentes que lhe aumentavam a singularidade e contribuía para a variedade de todas as versões.

Logo que Amásis, rei de Tânis, foi informado do caso, seu coração real encheu-se de justa cólera. Tal foi a indignação de Minos quando soube que sua filha Pasifaé prodigava seus ternos favores ao pai do Minotauro. Assim estremeceu Juno quando viu o seu esposo Júpiter acariciar a bela vaca Io, filha do rio Ínaco. Amásis mandou encerrar a bela Amaside em seu quarto e pôs-lhe à porta uma guarda de eunucos negros; depois convocou o conselho secreto.

Presidia-o o grande mágico Mambrés, mas já não tinha o mesmo crédito de outrora. Todos os ministros de Estado concluíram que o touro branco era um feiticeiro. Dava-se exatamente o

contrário: ele estava enfeitado; mas na corte sempre se enganam nesses delicados assuntos.

Foi votado por unanimidade que se devia exorcismar a princesa e sacrificar o touro branco e a velha.

O sábio Mambrés não queria impugnar a decisão do rei e do conselho. Era a ele que competia fazer os exorcismos; podia diferenci-los sob um pretexto bastante plausível. Acabava de morrer em Mênfis o deus Ápis. Pois um deus boi morre como qualquer boi. E no Egito não era permitido exorcismar ninguém até que se encontrasse um outro boi para substituir o defunto.

O conselho resolveu esperar, pois, pela nomeação do novo Deus em Mênfis.

O bom velho Mambrés sentia a que perigo se achava exposta a sua querida princesa: sabia quem era o seu apaixonado. As sílabas Nabu, que ela deixara escapar, lhe haviam revelado todo o mistério.

A dinastia⁽⁵⁾ de Mênfis pertencia então aos babilônios; conservavam eles esse resto das suas passadas conquistas, que haviam feito sob o maior rei do mundo, de que Amásis era inimigo mortal. Mambrés tinha necessidade de toda a sua sabedoria para bem se conduzir entre tantas

dificuldades. Se o rei Amásis descobrisse quem era o enamorado da princesa, ela estaria morta, jurara ele. O grande, o jovem, o belo rei por quem ela se apaixonara, tinha destronado o seu pai, que só recuperara o reino de Tânis desde que se ignorava, fazia agora uns sete anos, o paradeiro do adorável monarca, o vencedor e ídolo das nações, o terno e generoso apaixonado da encantadora Amaside. Mas, sacrificando o touro, infalivelmente a fariam morrer de dor.

Que poderia fazer Mambrés em tão espinhosas circunstâncias? Vai procurar a princesa, ao sair do conselho, e diz-lhe:

— Eu vos servirei, minha bela princesa; mas vos cortarão o pescoço, repito-vos, se pronunciardes o nome de vosso amado.

Ah! que me importa o meu pescoço — retruca a bela Amaside — se não posso enlaçar o de Nabuco...? Meu pai é um homem muito mau! Não só recusou dar-me ao belo príncipe que idolatro, mas declarou-lhe guerra; e, quando foi vencido pelo meu amado, descobriu o segredo de o transformar em boi. Já se viu mais tremenda malícia? Se meu pai não fosse meu pai, eu não sei o que lhe faria.

— Não foi vosso pai quem lhe pregou essa cruel partida — disse o sábio Mambrés. — Foi um palestino, um de nossos antigos inimigos, um

habitante de um pequeno país compreendido na multidão dos Estados que o vosso augusto pretendente dominou para os civilizar. Essas metamorfoses não vos devem surpreender; bem sabeis que eu as fazia outrora muito mais belas: nada era mais comum então do que essas mudanças que espantam hoje os sábios. A história verdadeira que lemos juntos nos ensinou que Licaonte, rei da Arcádia, foi transformado em lobo. A bela Calisto, sua filha, foi transformada em urso; Io, filha de Ínaco, a nossa venerável Isis em vaca; Dafne, em loureiro; Sirinx, em flauta. A bela Edith, mulher de Loth, o melhor, o mais carinhoso pai que já se viu, não se mudou, em nossas vizinhanças, numa grande estátua de sal muito bela e picante, que conservou todas as características do seu sexo e que tem mensalmente as suas regras⁽⁶⁾, como o atestam os grandes homens que a viram? Fui testemunha dessa transformação, em minha juventude. Vi cinco poderosas cidades, no local mais seco e árido do mundo, mudadas de súbito em um belo lago. Ah! quando eu era moço, só se andava sobre metamorfoses. Enfim, Senhora, se os exemplos podem abrandar as vossas penas, lembrai-vos de que Vênus transformou os Cerastes em bois.

— Eu sei — murmurou a infeliz princesa. — mas quem disse que os exemplos consolam? Se o meu amado estivesse morto, acaso me consolaria a idéia de que todos os homens morrem?

— A vossa pena pode findar — disse o sábio,
— e já que o vosso amado se transformou em boi,
bem compreendeis que, de boi, poderá
transformar-se em homem. Quanto a mim,
deveria ser transformado em tigre ou em
crocodilo, se não empregasse o pouco de poder
que me resta a serviço de uma princesa digna das
adorações da terra, a bela Amaside, a quem criei
sobre os meus joelhos, e cujo fatal destino a
submete a tão cruéis provações.

CAPÍTULO QUINTO

De como o sábio Mambrés sabiamente se conduziu.

Tendo dito à princesa tudo o que deveria dizer-lhe para a consolar, sem que aliás o conseguisse, o divino Mambrés foi imediatamente falar com a velha.

— Minha camarada — começou ele, — belo é o nosso ofício, mas assaz perigoso: correis o risco de ser enforcada, e o vosso boi de ser queimado, ou afogado ou comido. Não sei o que farão dos outros animais, pois, embora profeta, de poucas coisas sou sabedor. Mas ocultai com todo o cuidado a serpente e o peixe; que um não ponha a cabeça fora d'água, e o outro não saia do seu buraco. Alojarei o boi em um dos meus estábulos no campo; ali ficareis com ele, pois afirmais que não vos é permitido abandoná-lo. O bode emissário poderá oportunamente servir de bode expiatório; nós o enviaremos para o deserto, carregado dos pecados da tropa: está acostumado a essa cerimônia, que não lhe faz mal nenhum; e é sabido que tudo se expia com um bode que passeia. Peço-vos apenas que me empresteis desde já o cão de Tobias, que é um lebrél muito ágil, a jumenta de Balaão, que corre mais que um dromedário; o corvo e a pomba da arca, que voam

rapidamente. Quero enviá-los em embaixada a Mênfis, para um assunto da máxima importância.

— Senhor — respondeu a velha ao mago, — podeis dispor à vontade do cão de Tobias, da jumenta de Balaão, do corvo e da pomba da arca, e do bode emissário; mas o meu boi não pode dormir num estábulo, Está escrito que deve ficar preso a uma corrente de aço, estar sempre molhado de orvalho e pastar a relva sobre a terra⁽⁷⁾ e que a sua porção será com os animais selvagens. Ele me foi confiado, e eu devo obedecer. Que pensariam de mim Daniel, Ezequiel e Jeremias, se eu entregasse o meu boi a outras pessoas? Vejo que conheceis o segredo desse estranho animal. Não tenho que censurar-me dessa revelação. Vou levá-lo para longe, desta terra impura, para o lago de Sirbon, longe das crueldades do rei de Tânis, O meu peixe e a minha serpente me defenderão; não temo a ninguém quando sirvo a meu senhor. O sábio Mambrés assim lhe retrucou:

— Faça-se a vontade do Senhor! Contanto que eu encontre o nosso touro branco, não me importa nem o lago de Sirbon, nem o lago de Moeris, nem o lago de Sodoma; só quero fazer-lhe bem, e a vós igualmente. Mas por que me falastes de Daniel, de Ezequiel e de Jeremias?

— Ah! senhor — tornou a velha, — sabeis tão bem quanto eu o interesse que eles têm neste grave assunto. Mas não tenho tempo a perder; não quero ser enforcada; não quero que o meu touro seja queimado, ou afogado, ou comido. Vou para o lago de Sirbon, por Canope, com a minha serpente e o meu peixe. Adeus.

O touro a seguiu pensativo, depois de haver testemunhado ao bom Mambrés o reconhecimento que lhe devia.

O sábio Mambrés achava-se numa cruel inquietação. Bem sabia que Amásis, rei de Tânis, desesperado com a louca paixão da sua filha pelo animal, e julgando-a enfeitiçada, mandaria perseguir por toda parte o infeliz touro, e que este seria infalivelmente queimado, como feiticeiro, na praça pública de Tânis, ou entregue ao peixe de Jonas, ou queimado, ou servido à mesa. Queria, por qualquer preço, poupar esse desgosto à princesa.

Escreveu uma carta ao grão-sacerdote de Mênfis, seu amigo, em caracteres sagrados, e em papel do Egito, que ainda não estava em uso. Eis, textualmente, o que dizia a carta:

*Luz do mundo, lugar-tenente de Isis,
de Osiris e de Hórus, chefe dos
circuncisos, ó vos cujo altar se eleva, como
é de justiça, acima de todos os tronos,*

acabo de saber que é morto vosso deus, o boi Ápis. Tenho outro a vosso dispor. Vinde depressa, com os vossos sacerdotes, reconhecê-lo, adorá-lo, e conduzi-lo ao estábulo de vosso templo. Que Isis, Osiris e Hórus vos tenham na sua santa e digna guarda; e a vós senhores sacerdotes de Mênfis, na sua santa guarda!

Vosso afeiçoado amigo

MAMBRÉS

Fez quatro duplicatas dessa carta, por medo de algum acidente, e encerrou-os em estojos do mais rijo ébano. Chamando depois os quatro portadores que destinava para essa mensagem (eram a jumenta, o cão, o corvo e a pomba), disse à jumenta:

— Sei com que fidelidade serviste a meu confrade Balaão; serve-me agora da mesma forma. Não há onocrótalo que te iguale na corrida; vai, minha amiga, entrega a minha carta em mão própria e regressa logo.

— Como servi a Balaão — respondeu a jumenta, — servirei a monsenhor: vou e volto.

O sábio lhe pôs o estojo de ébano na boca e ela partiu como um raio.

Mandou depois chamar o cão de Tobias e disse-lhe: - Cão fiel, e mais veloz na corrida do que Aquiles dos pés rápidos, eu sei o que fizeste por Tobias, filho de Tobias, quando tu e o anjo Rafael o acompanhaste a de Nínive a Ragés, na Média, e de Ragés a Nínive, e quando ele trouxe a seu pai dez talentos⁽⁸⁾ que o escravo Tobias pai emprestara ao escravo Gabelus; pois aqueles escravos eram muito ricos.

Entrega a seu destinatário esta carta minha, que é mais preciosa do que dez talentos de prata.

— Senhor — respondeu-lhe o cão, — se eu segui outrora o mensageiro Rafael, posso igualmente desincumbir-me de vosso recado.

Mambrés lhe pôs a carta na boca. E falou da mesma forma à pomba. Esta lhe respondeu:

Senhor, se eu trouxe um ramo para a arca, igualmente trarei resposta à vossa carta.

Tomou a carta no bico. E os três, num instante, perderam-se de vista.

Depois disse ele ao corvo:

— Sei que alimentaste o grande profeta Elias⁽⁹⁾, quando ele estava oculto junto ao Cárites, tão famoso em toda a terra. Todos os dias tu lhe levavas bom pão e galinhas gordas; só te peço que leves esta carta a Mênfis.

O corvo respondeu-lhe nos seguintes termos:

— É verdade, senhor, que eu levava diariamente comida ao grande profeta Elias, o tesbita, a quem vi subir na atmosfera sobre um carro de fogo puxado por quatro cavalos de fogo, embora não seja esse o costume; mas eu sempre ficava com metade do almoço para mim. Estou disposto a levar vossa carta, contanto que me assegureis duas boas refeições por dia e que meu serviço seja pago à vista, adiantadamente.

Mambrés, fulo de raiva, disse ao animal:

— Que glutão e velhaco me saíste! Não me admira que Apolo, de branco que eras como um cisne, te haja tornado negro como uma toupeira, quando, nas planícies de Tessália, traíste a bela Corônis, infeliz mãe de Esculápio. Dize-me uma coisa: comias diariamente lombo de vaca e frangos, durante os dez meses em que estiveste na arca?

— Senhor, nós ali passávamos muito bem — retrucou o corvo. — Serviam assado duas vezes por dia a todos os voláteis da minha espécie, que só vivem de caça, como abutres, milhafres, águias, bütios, duques, gaviões, falcões, corujas, e à inumerável multidão das aves de rapina. Com muito maior profusão guarneciam a mesa dos leões, dos leopardos, dos tigres, das panteras, das onças, das hienas, dos lobos, dos ursos, das

raposas, das fuinhas, e de todos os quadrúpedes carnívoros. Havia na arca oito pessoas importantes, e as únicas que então existiam no mundo, incessantemente ocupadas com a nossa mesa e a limpeza das nossas privadas, a saber: Noé e sua mulher, que não tinham mais de seiscentos anos, e seus três filhos com as respectivas esposas. Era um gosto ver com que cuidado, com que asseio, os nossos oito criados atendiam a mais de quatro mil comensais do mais voraz apetite, sem contar o prodigioso trabalho que exigiam outras dez a doze mil criaturas, desde o elefante e a girafa aos bichos de seda e às moscas. O que me espanta é que o nosso despenseiro Noé seja desconhecido de todas as nações de que ele é o tronco; mas isso pouco me importa. Já estive em festa semelhante⁽¹⁰⁾ com o rei Xisutra da Trácia. Essas coisas acontecem de tempos em tempos para edificação dos corvos. Numa palavra, quero passar bem e ser muito bem pago, em dinheiro à vista.

O sábio Mambrés desistiu de entregar sua carta a um animal tão difícil de contentar e tão tagarela. — Separaram-se muito descontentes um com o outro.

Era preciso no entanto saber o que era feito do belo touro e não perder a pista da velha e da serpente. Mambrés ordenou a criados inteligentes

e fiéis que os seguissem; quanto a ele, avançou de liteira para as margens do Nilo, sempre absorto em suas reflexões.

Como pode ser (dizia consigo) que essa serpente domine quase toda a terra, como ela própria alardeia e tantos eruditos confessam, e no entanto obedeça a uma velha? Como se explica que seja às vezes convocada para o conselho das alturas, quando vive a rastejar na terra? Por que, por sua única virtude, entra diariamente no corpo das pessoas, de onde tantos sábios procuram desalojá-la com palavras. Enfim, como passa, entre um pequeno povo da vizinhança, por haver perdido o gênero humano, e como é que o gênero humano nada sabe a esse respeito? Estou muito velho, estudei durante a vida inteira, e vejo nisso uma porção de incompatibilidades que não posso conciliar. Não saberia explicar o que aconteceu a mim mesmo, nem as grandes coisas que fiz outrora, nem aquelas de que fui testemunha. Pensando bem, começo a suspeitar que este mundo subsiste à custa de contradições: Rerum concordia discors, como outrora dizia na sua língua o meu velho mestre Zoroastro.

Enquanto se achava mergulhado nessa metafísica obscura, como o é toda metafísica, um barqueiro, cantando uma canção de taberna, fez atracar à margem um pequeno barco. Dele saíram três graves personagens, semivestidos de

trapos sujos, mas que conservavam, sob aquela indumentária de miséria, o ar mais augusto e majestoso do mundo. Eram Daniel, Ezequiel e Jeremias.

CAPÍTULO SEXTO

De como Mambrés encontrou três profetas e lhes ofereceu um bom almoço.

Esses três grandes homens, que tinham na face a luz profética, reconheceram o sábio Mambrés como um de seus confrades, pelos poucos raios dessa mesma luz que ainda lhe restavam, e prosternaram-se diante do seu palanquim. Mambrés também os reconheceu como profetas, mais pela sua indumentária do que pelos raios que partiam daquelas augustas cabeças. Desconfiou que vinham saber notícias do touro branco; e, usando da sua prudência ordinária, desceu da viatura e avançou alguns passos ao encontro deles, com um misto de polidez e dignidade. Fê-los erguerem-se, mandou armar tendas e preparar um almoço, de que julgava muito necessitados os três profetas.

Mandou convidar a velha, que se achava a uns quinhentos passos. Ela compareceu, sempre trazendo a cabresto o touro branco.

Serviram duas sopas, uma de caranguejo, outra à la reine; as entradas consistiram de uma torta de língua de carpa, de figados de lota e sôlha de frangos com pistache, de pombinhos

com trufas e azeitonas, de dois perus com molho de lagosta, cogumelos e morchelas e uma chipolata. Os assados eram constituídos de faisões, perdizes, gelinotas, codornizes e hortulanas, com quatro saladas. No meio havia um centro-de-mesa do melhor gosto. Nada foi mais delicado que o entremets; nada mais magnífico, mais brilhante e engenhoso que a sobremesa.

De resto, o discreto Mambrés tivera o máximo cuidado de que não houvesse naquela refeição, nem cozidos, nem lombo, nem língua, nem palato de boi, nem ubres de vaca, de medo que o infortunado monarca, assistindo de longe ao almoço fosse pensar que o insultavam.

Esse grande e infeliz príncipe pastava perto da tenda. Nunca sentiu tão cruelmente a fatal revolução que por sete anos inteiros o tinha privado do trono.

— Ai! — suspirava ele, — esse Daniel, que me transformou em touro, e essa feiticeira, que me guarda, gozam o melhor passadio do mundo; e eu, o soberano da Ásia, vejo-me reduzido a comer capim e a beber água!

Beberam; à farta, vinho de Engaddi, de Tadmor e de Chiraz. Quando ficaram um pouco tocados, os profetas e a pitonisa puseram-se a

falar com mais franqueza do que durante os primeiros pratos.

— Confesso — disse Daniel — que não passava tão bem quando me achava na cova dos leões.

— Como! Puseram-vos na cova dos leões?! — exclamou Mambrés. — E como não fostes devorado?

— Senhor — respondeu Daniel, — bem sabeis que os leões nunca devoram profetas.

— Quanto a mim — disse Jeremias, — passei toda a vida a morrer de fome; nunca fiz uma boa refeição, a não ser hoje. Se tivesse de renascer, e pudesse escolher a minha condição, confesso que estimaria mil vezes mais ser inspetor geral, ou bispo em Babilônia, que profeta em Jerusalém.

— Pois a mim — confessou Ezequiel, — ordenaram-me uma vez que dormisse trezentos e noventa dias seguido sobre o lado esquerdo, e que, durante todo esse tempo, comesse pão de cevada, de milho, de ervilhaça, de fava e de trigo, coberto com...⁽¹¹⁾ nem ousou dizê-lo. O mais que pude obter foi o privilégio de o cobrir apenas com bosta de vaca. Confesso que a cozinha do senhor Mambrés é mais delicada. Contudo, o ofício de profeta tem o seu lado bom: e a prova disso é que há tanta gente que se mete a profeta.

— A propósito — disse Mambrés, — explicai-me o que entendeis pelo vosso Oolla e o vosso Ooliba, que tanto se preocupavam com cavalos e burros.

— Ah! — respondeu Ezequiel, — são flores de retórica.

Após essas expansões, Mambrés falou de negócios. Perguntou aos três peregrinos por que tinham vindo aos Estados do rei de Tânis. Daniel tomou a palavra: disse que o reino de Babilônia ficara em polvorosa após o desaparecimento de Nabucodonosor; que haviam perseguido todos os profetas, segundo o costume da Corte; que eles, profetas, passavam a existência ora vendo reis a seus pés, ora recebendo açoites; que enfim tinham sido obrigados a refugiar-se no Egito, para não ser lapidados. Ezequiel e Jeremias também falaram, longamente, num belíssimo estilo, que mal se podia compreender. Quanto à pitonisa, trazia sempre o seu animal de olho. O peixe de Jonas mantinha-se no Nilo, defronte à tenda, e a serpente esparecia sobre a relva. Depois do café, foram passear à margem do Nilo. Então o touro branco, avistando os profetas seus inimigos, soltou terríveis mugidos; lançou-se impetuosamente sobre eles, com os cornos em riste; e, como os profetas nunca tiveram mais que pele e osso, fatalmente os teria atravessado de um lado a outro, tirando-lhes a vida; mas o

Senhor das coisas, que vê tudo e a tudo remedeia, transformou-os imediatamente em galhas, e eles continuaram a falar como dantes.

A mesma coisa aconteceu depois às Piérides, de tal modo a fábula imita a história.

Esse, novo incidente provocava novas reflexões no espírito do sábio Mambrés.

Eis, pois, (dizia ele consigo) três grandes profetas transformados em galhas; isto nos deve ensinar a não falar demais e a guardar sempre uma conveniente discrição.

Concluía que a sabedoria vale mais que a eloqüência e meditava profundamente, segundo o seu costume, quando um grande e terrível espetáculo lhe ofuscou os olhos.

CAPÍTULO SÉTIMO

Chega o rei de Tânis. Sua filha e o touro vão ser sacrificados.

Turbilhões de poeira erguiam-se de sul a norte. Ouvia-se o ruído dos tambores, das trombetas, dos pífanos, dos saltérios, das cítaras, dos sambucos; vários esquadrões com vários batalhões avançavam, e Amásis, rei de Tânis, vinha à sua frente, num cavalo coberto de um xairel escarlate recamado a ouro; e os arautos gritavam:

— “Que apanhem o touro branco, que o amarrem, que o lancem ao Nilo, e que o dêem de comer ao peixe de Jonas: pois o rei meu senhor, que é justo, quer vingar-se do touro branco, que enfeitiçou a sua filha.”

O bom velho Mambrés fez mais reflexões do que nunca. Compreendeu que o perverso corvo fora contar tudo ao rei e que a princesa corria o risco de lhe cortarem o pescoço. Disse então à serpente:

— Corre a consolar a bela Amaside; dize-lhe que não tema coisa alguma, haja o que houver, e conta-lhe histórias distrair suas penas, pois as

histórias sempre divertem as moças, e é com histórias que a gente vence na vida .

Depois prosternou-se diante de Amásis, rei de Tânis, e disse-lhe:

— Ó rei! que vivas para sempre. O touro branco deve ser sacrificado, pois Vossa Majestade tem sempre razão, mas o Senhor das coisas disse: Esse touro só deve ser comido pelo peixe de Jonas depois que Mênfis houver encontrado um deus para colocar no lugar do seu deus que é morto. Então sereis vingado, e vossa filha exorcismada, pois ela está possessa. Tendes bastante religião para não obedecer às ordens do Senhor das coisas.

Amásis, rei de Tânis, ficou pensativo; depois disse:

— É morto o boi Ápis; que Deus lhe tenha a alma! Quando acreditais que se possa achar outro boi para reinar sobre fecundo Egito?

— Sire — disse Mambrés, — não vos peço mais que oito dias.

O rei, que era muito devoto, disse:

— Concedo-os, e quero permanecer aqui esses oito dias; após o que, sacrificarei o sedutor de minha filha.

E mandou vir suas tendas, seus cozinheiros, seus músicos, e permaneceu oito dias naquele local, como está escrito em Manethon.

A velha desesperava-se por ver que o touro a que guardava não tinha mais que oito dias de vida. Todas as noites, fazia ela aparecerem fantasmas ao rei, para o desviar de seu cruel desígnio. Mas o rei, pela manhã, não se lembrava mais dos fantasmas que vira à noite, da mesma forma que Nabucodonosor esquecera os seus sonhos.

CAPÍTULO OITAVO

De como a serpente contou histórias à princesa, para a consolar.

E a serpente contava histórias à bela Amaside, para acalmar seus sofrimentos. Dizia-lhe como curara outrora um povo inteiro da mordedura de certas pequenas cobras, apenas mostrando-se na extremidade de um bastão. Narrava-lhe as conquistas do herói que fez tão belo contraste com Anfião, arquiteto de Tebas, na Beócia. Esse Anfião fazia amontoarem-se as pedras de cantaria ao som do violino: bastava-lhe um rigodão ou um minuete para construir uma cidade; mas o outro as destruía ao som de uma corneta de chifre; mandou enforcar trinta e um poderosos reis num cantão de dezesseis léguas quadradas; fez chover grandes pedras do céu sobre um batalhão de inimigos que lhe fugiam; e, tendo-os assim exterminado, fez parar o sol e a lua em pleno meio-dia para os exterminar de novo entre Gabaon e Aialon, no caminho de Bethhoron, a exemplo de Baco que, na sua viagem às Índias, mandara parar o sol e a lua. A prudência que deve ter toda serpente não lhe permitiu falar à bela Amaside do poderoso bastardo Jefte, que cortou o pescoço à filha porque havia vencido uma batalha; teria enchido

de terror o coração da bela princesa; mas contou-lhe as aventuras do grande Sansão, que matava mil filisteus com uma queixada de burro, que atava trezentas raposas pela cauda, e que tombou nos laços de uma rapariga menos bela, menos terna e menos fiel que a encantadora Amaside.

Contava-lhe os desgraçados amores de Siquem e da amável Dina, que tinha seis anos de idade, e os amores mais felizes de Booz e de Ruth, os de Judá com a sua nora Tamar, os de Loth com as suas duas filhas que não queriam que o mundo acabasse, os de Abraão e de Jacob com suas criadas, os de Rubem com sua mãe, os de David e Betsabé, os do grande rei Salomão, em suma, tudo quanto pudesse dissipar as penas de uma bela princesa.

CAPÍTULO NONO

De como a serpente não a consolou.

Essas histórias me aborrecem — respondeu a bela Amaside, que tinha inteligência e bom gosto. — Só servem para ser comentadas entre os irlandeses por esse louco do Abbadie, ou entre os velches por esse frasista do Houteville. As histórias que podiam contar à tataravó da tataravó da minha avó já não servem para mim, que fui educada pelo sábio Mambrés e que li o Entendimento Humano do filósofo egípcio chamado Locke e a Matrona de Éfeso. Quero uma história que seja fundada na verossimilhança e que não se assemelhe sempre a um sonho. Desejo que não tenha nada de trivial nem de extravagante. Desejaria sobretudo que, sob o véu da fábula, deixasse transparecer aos olhos exercitados alguma fina verdade que escapa ao vulgo. Estou cansada do sol e da lua de que uma velha dispõe a seu bel-prazer, das montanhas que dançam, dos rios que remontam à sua fonte, e dos mortos que ressuscitam; mas, quando essas tolices são escritas em estilo empolado e ininteligível, ai sim, que me desgostam horivelmente. Bem compreendeis que uma pobre moça que receia ver seu amado engolido por um

grande peixe e ser ela própria decapitada pelo próprio pai, tem muita necessidade de que a divirtam; mas tratai de divertir-me conforme o meu gosto.

— Dificil coisa me ordenais — respondeu a serpente. — Antigamente poderia eu fazer-vos passar alguns quartos de hora bastante agradáveis; mas perdi há algum tempo a imaginação e a memória. Ai! onde estão os tempos em que eu divertia as moças? Vejamos no entanto se poderei lembrar-me de algum conto moral, para vos ser agradável.

Há vinte e cinco mil anos, o rei Gnaof e a rainha Patra ocupavam o trono da Tebas das cem portas. O rei Gnaof era muito belo, e a rainha Patra ainda mais bela; mas não podiam ter filhos. O rei Gnaof instituiu um prêmio para quem indicasse o melhor método de perpetuar a raça real.

A Faculdade de Medicina e a Academia de Cirurgia fizeram excelentes tratados sobre essa importante questão: nenhum vingou. Mandaram a rainha a banhos; ela rezou novenas; deu muito dinheiro ao templo de Júpiter Amon, de onde vem o sal amoníaco: tudo inútil. Afinal apresentou-se ao rei um jovem sacerdote de vinte e cinco anos, que lhe disse: — Sire, creio que sei fazer o exorcismo necessário para o que Vossa Majestade

deseja com tanto ardor. É preciso que eu fale em segredo ao ouvido da senhora vossa esposa; e, se ela não se tornar fecunda, consinto em ser enforcado. — Aceito a vossa proposta — disse o rei Gnaof.

A rainha e o sacerdote ficaram juntos apenas durante um quarto de hora. A rainha ficou grávida, e o rei quis mandar enforcar o sacerdote.

— Meu Deus! — exclamou a princesa, -- sei no que dão essas coisas: essa é uma história muito comum; direi até que escandaliza o meu pudor. Contai-me qualquer fábula bem verdadeira, bem averiguada e bem moral, de que nunca me tenham falado, para que eu termine de me formar o espírito e o coração, como diz o professor egípcio Linro.

— Eis aqui uma, Senhora — disse a bela serpente — e que é das mais autênticas.

Havia três profetas, todos eles igualmente ambiciosos e aborrecidos da sua condição. Sua loucura consistia em quererem ser reis; pois de profeta a monarca não há mais que um passo, e o homem aspira sempre a subir todos os degraus da escada da fortuna. Aliás, os seus gostos e prazeres eram absolutamente diversos. O primeiro pregava admiravelmente ante seus irmãos reunidos, que lhe batiam palmas; o segundo era louco por música; e o terceiro amava

apaixonadamente as mulheres. O anjo Ituriel apresentou-se a eles, num dia em que estavam à mesa e falavam sobre as doçuras do trono.

— O Senhor das coisas (disse-lhe o anjo) me envia para recompensar vossa virtude. Não só haveis de reinar, mas satisfareis continuamente as vossas paixões dominantes. A ti, primeiro profeta, faço-te rei do Egito, e terás sempre reunido o conselho, que aplaudirá tua eloqüência e tua sabedoria. Tu, segundo profeta, ocuparás o trono da Pérsia, e ouvirás continuamente uma música divina. E a ti, terceiro profeta, entrego o trono da Índia e uma encantadora amante que jamais te abandonará.

O que teve em partilha o Egito começou por reunir seu conselho privado, que era composto de duzentos sábios, apenas. Fez-lhes, segundo a etiqueta, um longo discurso que foi muito aplaudido, e o monarca experimentou a doce satisfação de embriagar-se de louvores que não eram corrompidos pela lisonja.

Ao conselho privado sucedeu-se o conselho dos negócios estrangeiros. Foi muito mais numeroso, e um novo discurso recebeu maiores louvores. O mesmo aconteceu nos outros conselhos. Nada interrompia o prazer e a glória do profeta rei do Egito. A fama da sua eloqüência encheu toda a terra.

O profeta rei da Pérsia começou por mandar representar uma ópera italiana, cujos coros eram cantados por mil e quinhentos eunucos. Suas vozes lhe comoviam a alma até a medula dos ossos, onde ela reside. A essa ópera sucedia uma outra, e a essa segunda uma terceira, sem interrupção.

O rei da Índia encerrou-se com a sua amante, com quem desfrutou uma volúpia perfeita. Considerava soberana ventura a necessidade de a acariciar sempre, e lamentava a triste sorte de seus dois confrades, um reduzido a estar sempre em conselho, e o outro sempre a ouvir ópera.

Cada qual, dias depois, ouviu pela janela uns lenhadores que saiam de uma taverna para ir ao mato cortar lenha, e que enlaçavam as suas doces amigas, que eles podiam mudar à vontade. Os nossos reis pediram a Ituriel para interceder por eles junto ao Senhor das coisas, e que os fizesse lenhadores.

— Não sei — respondeu a terna Amaside, — se o Senhor das coisas lhes satisfizesse o pedido, e pouco me importa; mas o que eu sei é que não pediria nada a ninguém se estivesse encerrada a sós com o meu bem-amado, o meu querido Nabucodonosor.

As abóbadas do palácio ecoaram esse grande nome. No princípio Amaside só pronunciara Na,

em seguida Nabu, depois Nabuco, mas afinal a paixão arrebatou-a, e ela pronunciou por inteiro o nome fatal apesar do juramento que fizera ao rei seu pai. Todas as damas do palácio repetiram Nabucodonosor e o vilão do corvo não deixou de ir avisar ao rei. O rosto de Amásis, rei de Tânis, perturbou-se, porque seu peito estava cheio de perturbação. E eis como a serpente, o mais prudente e sutil dos animais, sempre fazia mal às mulheres, supondo auxiliá-las.

Amásis, irado, mandou doze de seus alguazis lhe trazerem a filha, os quais estão sempre prontos a executar todas as barbaridades que o rei ordena, e que dão como motivo: “Nós somos pagos para isso”.

CAPÍTULO DÉCIMO

De como quiseram cortar o pescoço à princesa, e de como lho não cortaram.

Logo que a princesa chegou toda trêmula ao acampamento do rei seu pai, disse-lhe este:

— Minha filha, bem sabeis que as princesas que desobedecem aos reis seus pais são condenadas à morte, sem o que não poderia um reino ser bem governado. Eu te proibira que proferisses o nome de teu apaixonado Nabucodonosor, meu inimigo mortal, que me destronou há quase sete anos, e que desapareceu da face da terra. Escolheste em seu lugar um touro branco, e gritaste: “Nabucodonosor!” É justo que eu te corte o pescoço.

— Que seja feita a vossa vontade, meu pai — respondeu a princesa. — Mas concedei-me tempo para chorar a minha virgindade.

— É justo — disse o rei Amásis. — Essa é uma lei assentada entre todos os príncipes esclarecidos e prudentes. Concedo-te o dia inteiro para chorares a tua virgindade, pois dizes que a tens. Amanhã, que é o oitavo dia do meu acampamento, providenciarei para que o touro

branco seja devorado pelo peixe e te cortarei o pescoço às nove horas.

A bela Amaside foi pois chorar, ao longo do Nilo, com as suas damas palacianas, tudo o que lhe restava da virgindade. O sábio Mambrés refletia a seu lado, e contava as horas e os instantes.

— Como! meu caro Mambrés — disse-lhe ela, — mudaste as águas do Nilo em sangue, segundo o costume, e não podes mudar o coração de Amásis, meu pai, rei de Tânis! Suportarás que ele me corte o pescoço amanhã de manhã às nove horas?

— Isso depende — respondeu o cogitabundo Mambrés — da presteza de meus mensageiros.

No dia seguinte, logo que a sombra dos obeliscos e das pirâmides marcaram sobre a terra a nona hora do dia, amarraram o touro branco para jogá-lo ao peixe de Jonas e levaram ao rei o seu grande sabre.

— Ai! — gemia Nabucodonosor no fundo do seu coração, — eu, o rei, sou boi há quase sete anos e, mal encontro a minha bem-amada, sou devorado por um peixe!

Jamais o sábio Mambrés fizera tão profundas reflexões.

Estava engolfado nos seus tristes pensamentos quando avistou ao longe tudo o que esperava. Vinha-se aproximando inumerável multidão. As três imagens de Isis, de Osiris e de Hórus avançavam juntas, sobre um andor de ouro e pedrarias carregadas por cem senadores de Mênfis, e precedidas por cem raparigas tocando o sistro sagrado. Quatro mil sacerdotes, com a cabeça raspada e coroada de flores, vinham montados cada um num hipopótamo. Mais além, surgiam, na mesma pompa, a ovelha de Tebas, o cão de Bubasta, o gato de Febe, o crocodilo de Arsinoe, o bode de Mendés, e todos os deuses inferiores do Egito, que vinham render homenagem ao grande boi, ao grande deus Apis, tão poderoso quanto Isis, Osiris e Hórus juntos.

No meio de todos esses semideuses, quarenta sacerdotes carregavam um enorme cesto cheio de cebolas sagradas, que não eram deuses, mas que muito se lhes assemelhavam.

Nos dois flancos dessa fila de deuses seguidos de numerosa multidão, marchavam quarenta mil guerreiros, de capacete, cimitarra à cinta, carcaz a tiracolo e arco em punho.

Todos os sacerdotes cantavam em coro, com uma harmonia que elevava a alma e a enternecia:

*O nosso boi, nós o perdemos,
Outro mais belo ganharemos.*

E, a cada pausa, ouviam-se ressoar os sistros, as castanholas, os pandeiros, os saltérios, as cornamusas, as harpas e os sambucos.

CAPÍTULO UNDÉCIMO

De como a princesa desposou o seu boi.

Amásis, rei de Tânis, surpreso com aquele espetáculo, não cortou o pescoço à filha: recolocou a cimitarra na bainha. E Mambrés lhe disse:

— Grande rei! a ordem das coisas está mudada; é preciso que Vossa Majestade dê o exemplo. Ó rei! desamarrai vós mesmo sem tardança o touro branco, e sede o primeiro a adorá-lo.

Amásis obedeceu e prosternou-se com todo o seu povo. O grão-sacerdote de Mênfis apresentou ao novo boi Ápis a primeira mancheia de feno. A princesa Amaside prendia-lhe aos belos cornos festões de rosas, de anêmonas, de rainúnculos, de tulipas, de cravos e de jacintos. Tomava a liberdade de o beijar, mas com profundo respeito. Os sacerdotes juncavam de palmas e flores o caminho por onde o conduziam a Mênfis. E o sábio Mambrés, sempre a fazer reflexões, dizia baixinho à sua amiga serpente:

— Daniel transformou esse homem em boi, e eu transformei esse boi em Deus.

Regressavam a Mênfis na mesma ordem. O rei de Tânis, confuso, seguia o cortejo. Ia a seu lado Mambrés, com o ar sereno e recolhido. A velha marchava atônita e maravilhada; acompanhavam-na a serpente, o cão, a jumenta, o corvo, a pomba e o bode emissário. O grande peixe remontava o Nilo. Daniel, Ezequiel e Jeremias, transformados em galhas, fechavam o cortejo. Quando chegaram às fronteiras do reino, que não eram muito distantes, o rei Amásis despediu-se do boi Ápis e disse à filha:

— Minha filha, voltemos para nossos Estados, a fim de que eu te corte o pescoço, tal como ficou resolvido em meu coração real, porque pronunciaste o nome de Nabucodonosor, meu inimigo, que me destronou há uns sete anos. Depois que um pai jura que há de cortar o pescoço à filha, tem de cumprir o juramento, sem o que será precipitado para sempre nos infernos, e eu não quero danar-me por amor de ti.

A bela princesa respondeu nos seguintes termos ao rei Amásis:

— Ide cortar o pescoço de quem quiserdes, meu querido pai, mas não o meu. Acho-me nas terras de Isis, de Osiris, de Hórus e de Apis; não deixarei o meu belo touro branco; beijá-lo-ei durante todo o caminho, até que tenha visto a sua apoteose no grande estábulo da santa cidade

de Mênfis: fraqueza perdoável a uma jovem bem nascida.

Mal pronunciara ela tais palavras, quando o boi Apis exclamou:

— Querida Amaside, eu te amarei durante toda a minha vida. Desde os quarenta mil anos que o vinham adorando, era a primeira vez que se ouvia no Egito o boi Pis falar. “Os sete anos estão cumpridos!” exclamaram a serpente e a jumenta, e as três gralhas repetiram: “Os sete anos estão cumpridos!” Todos os sacerdotes do Egito ergueram as mãos ao céu. Viu-se de súbito o rei perder as pernas traseiras; as dianteiras transformaram-se em duas pernas humanas; dois belos braços, carnudos, musculosos e brancos lhe brotaram dos ombros; seu focinho de touro cedeu lugar ao rosto de um herói encantador; ele tornou-se de novo o mais belo homem da terra, e disse:

— Prefiro ser esposo de Amaside a ser um deus. Eu sou Nabucodonosor, rei dos reis.

Essa nova metamorfose espantou a todo o mundo, com exceção do meditativo Mambrés. Mas o que a ninguém surpreendeu foi Nabucodonosor desposar imediatamente a bela Amaside, em presença daquela grande assembléia. Conservou o sogro no reino de Tânis e instituiu belas subvenções para a jumenta, a

serpente, o cão, a pomba, e até para o corvo, as três gralhas e o grande peixe, mostrando assim a todo o universo que tanto sabia perdoar como triunfar. A velha obteve uma considerável pensão. O bode emissário foi enviado, por um dia, para o deserto, a fim de que fossem expiados todos os pecados antigos; depois disso lhe deram doze cabras, para que se consolasse. O sábio Mambrés voltou a seu palácio para entregar-se a reflexões. Nabucodonosor, depois de o ter abraçado, começou a governar tranqüilamente o reino de Mênfis, o de Babilônia, de Damasco, de Balbec, de Tiro, a Síria, a Ásia Menor, a Cítia, as regiões de Chiraz, de Mosok, de Tubal, de Madai, de Gog, de Magog, de Javan, a Sogdiana, a Bactriana, as Índias e as ilhas.

Os povos dessa vasta monarquia gritavam todas as manhãs:

— Viva o grande rei Nabucodonosor, rei dos reis, que não é mais boi!

— E desde então, todas as vezes em que o soberano (tendo sido grosseiramente enganado pelos seus sátrapas, ou pelos seus magos, ou pelos seus tesoureiros, ou pelas suas mulheres) reconhecia enfim o engano e modificava o seu proceder, todos os babilônios costumavam ir gritar à sua porta:

— Viva o nosso grande rei, que não é mais
boi.

NOTAS

(1) — Querub, em caldeu e siríaco, significa “boi”.

(2) — Os brâmanes foram, com efeito, os primeiros que imaginaram uma revolta no céu, e essa fábula serviu, muito tempo depois, como esquema à história da guerra dos gigantes contra os deuses, e a algumas outras histórias.

(3) — Primeiro livro dos Reis, cap. XXII, v. 21 e 22.

(4) — Toda a antigüidade empregava indiferentemente os termos de boi e touro.

(5) — Dinastia significa propriamente poder. Neste sentido se pode empregar tal palavra, apesar das cavilações de Larcher. Dinastia vem do fenício dunast, e Larcher é um ignorante que não sabe nem fenício, nem siríaco, nem copta.

(6) — Diz Tertuliano, no seu poema de Sodoma:

*Dicitur et vivens alio sub corpore sexus
Munificos solito dispungere sanguine menses.*

E Santo Irineu, liv. IV:

Per naturalia ea quae sunt consuetudinis feminae ostendens.

(7) — Daniel cap.V.

(8) — Vinte mil escudos de prata francesa, pelo câmbio atual (1773).

(9) — Terceiro livro dos Reis, cap. XVII

(10) — Berósio, autor caldeu, refere com efeito ter acontecido a mesma aventura ao rei Xisutra da Trácia: foi ainda mais maravilhosa, pois a sua arca tinha cinco estádios de comprimento por dois de largura. Travou-se grande discussão entre os sábios para destrinçar qual dos dois era o mais antigo, se Xisutra ou Noé.

(11) — Ezequiel, cap. IV.

© copyleft 2001 — Ridendo Castigat Mores

Versão para eBook
eBooksBrasil.com

Junho 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

VOCÊ FOI ROUBADO!

Você tem este e muitos outros títulos

GRÁTIS

direto na fonte:

www.ebooksbrasil.com